

ESPAÇO VIRTUAL, CORPO E PASSAGEM AO ATO

Fátima Vicente¹

1 Psicóloga e psicanalista. Professor do Curso de Psicanálise do Departamento de Psicanálise (Instituto Sedes Sapientiae, San Pablo). É membro do Conselho de Administração deste Departamento (2021 - 2023). Mestre em Psicologia Clínica e Doutor em Ciências Sociais. fatimavicente956@gmail.com

O título do qual partimos nesta mesa abre um campo extenso de pesquisa, já que, a partir da experiência, se pode afirmar que tecnologias impactam a configuração dos laços sociais desta sociedade assim como possibilitam, diversificam e atualizam práticas sexuais. Ou seja, as tecnologias produzem laços e práticas. O cenário atual em que comunicação e informação são digitalizadas produzem uma mutação nessa produção, desencadeada pela passagem da mediação à mediatização. Voltaremos a isso adiante.

As tecnologias digitais estão em relação estreita com a presente conjuntura do capitalismo, em sua versão monetarizada, uma vez que tal tecnologia o produziu por meio da ruptura dos elos constitutivos do capitalismo industrial. Foi à medida que o lucro passou a exceder a produção, também devido àquela tecnologia, que a exigência da potencialização de tal efeito levou ao investimento prioritário na nanotecnologia, exacerbando o neoliberalismo em todos seus aspectos.

A crença na liberdade individual e na competitividade como fator de prosperidade, que havia instituído o neoliberalismo, foi elevada a outro patamar, e, fazer sucesso se tornou a única forma de vida que vale a pena ser vivida. Mas o êxito se tornou cada vez mais raro, uma vez que a prosperidade, nessas condições, aumenta exponencialmente e constantemente as desigualdades sociais. Dessa forma, o fracasso passa a ser aquilo que deve ser repellido a qualquer custo, pois sempre iminente.

A hegemonização da economia no contexto neoliberal escamoteia que as realizações materiais pessoais e sociais são históricas, que se dão no contexto das relações políticas, sociais e interpessoais. O êxito é creditado às características individuais – cada vez mais tidas como intrínsecas e inerentes – e o princípio da competitividade oferece uma saída nas situações em que o fracasso predomina, a de atribuí-lo ao outro, demonizado quão mais vulnerável esteja. A liberdade dos cidadãos e a competitividade requerem e promovem uma feroz rejeição ao outro e, para preservá-las, as minorias serão os alvos preferenciais, pois, já que sem direitos nem capacidades de criar direitos, se prestarão muito bem ao ataque e à aniquilação.

Uma matéria jornalística¹ dá uma amostra das consequências desse estado de coisas.

A matéria discute ações violentas disseminadas pelo discurso de ódio de um dos grupos radicais que habitam a internet, os *incels*: “homens que não conseguem ter relações sexuais e amorosas e culpam as mulheres e homens sexualmente ativos por isso”.

1 Da BBC News Brasil, datada de 27 de abril de 2018 e que continua em circulação no Facebook.

A ação violenta, nesse caso, é o atropelamento aleatório de muitos pedestres, acontecido em Toronto, que deixou o saldo de dez mortes e que, posteriormente, se desvela como ato intencional. Minassian, o motorista que dirigia a van, havia postado na internet, pouco antes de realizar o ataque, a seguinte mensagem: “A rebelião incel já começou, vamos derrotar todos os *Chads e Stacys*. Todos saúdam o cavalheiro Elliot Rodger!”² Ele se declara *incel* e é participante de um fórum de discussão da web que reúne outros na mesma condição; a sigla opera como senha de reconhecimento e distingue os que estão dentro e os que estão fora disso. Para os que estão dentro, Elliot Rodger, homenageado nesse ataque, é bastante conhecido, e talvez deva ser reconhecido como um de seus patronos.

Foi em 2014 que Elliot Rodger, então um jovem de vinte e dois anos, matou seis pessoas a tiros e a facadas e se matou em seguida. Ele publicava frequentemente em redes sociais expressando sua frustração por ser rejeitado pelas mulheres. Rejeição, ao que parece não apenas sexual, mas também social.

Aos atos que viriam a celebrizá-lo denominou “Dia da Retribuição” e os considerou como a única possibilidade para dar sentido a sua vida, o de se vingar da sociedade que lhe havia negado amor e sexo. Nesses vídeos Elliot exorta o ódio às mulheres. Em um deles, expressa seu ressentimento por ser ainda virgem aos 22 anos e por sequer ter beijado uma menina. Situação que parece lhe gerar perplexidade, já que se considera “o ideal e magnífico cavalheiro”. O que não parece ter lhe facilitado vir a entender a rejeição que considera sofrer. Em uma foto anteriormente publicada acrescentou a legenda “o que há de mais próximo a um Deus vivo”. O contexto não permite supor que haja qualquer ironia em sua declaração.

A quem Elliot exorta? Com quem ele fala, nessas postagens e declarações? A quem quer se dar a ver? Suas postagens parecem ter destinatário tão aleatório quanto as facadas e os tiros que distribuiu ao acaso, como talvez também ao acaso tenha sido o tiro por meio do qual se matou.

Seu legado parece ter sido o de se consolidar como referência aos incels, talvez também ao acaso.

Os *incels* não se configuram como grupo organizado fora do ambiente da internet, participam de fóruns de discussão em que, via chat, expressam solidão, insegurança e frustração, devido a não conseguirem se relacionar com as mulheres que supostamente desejam. Supostamente,

2 Em inglês as palavras de Minassian são: “All hail the Supreme Gentleman Elliot Rodger1”. Não parece uma coincidência que o verbo escolhido para a saudação “Hail” (Salve ou Ave) seja a tradução literal do alemão “Heil” tradicionalmente associado às saudações nazistas “Sieg Heil” e “Heil Hitler”. (Devo esta nota a Ignacio del Valle, tradutor deste texto para o espanhol.

pois as conversas disseminam ódio e misoginia. Agressões e estupros são incentivados, sendo este considerado - por suposição, já que todos são virgens - mais prazeroso que o encontro sexual consentido.

Assim que Minassian foi preso, meia hora depois de seu ato, a notícia já circulava nos fóruns, promovendo debates de acordo com os cânones que lhes são próprios: sua ação é aplaudida, assim como em outras circunstâncias, as queixas de outros participantes, que expressam a vontade de recorrer ao suicídio devido àquelas dificuldades, têm como resposta a incitação a *não caírem sozinhos*. O homicídio é incentivado. Eles "costumam colocar a culpa por sua falta de vida sexual nas mulheres, no feminismo, na própria aparência ou inadequação, nos pais, nos homens sexualmente ativos, na *cultura moderna*".

Consideram haver homens atrativos e exitosos junto às mulheres, aos quais denominam Chads e aos quais supõem experiências sexuais gozosas e exclusivas, inalcançáveis. Os Chads têm uma especial linha de maxilar, que os torna atraentes, assim como musculatura avantajada. Quanto às mulheres, estas se dividem em *Stacys e Beckis*. Stacys são o objeto da cobiça, elas são naturalmente louras e têm curvas pronunciadas, mas são também inalcançáveis, já que só se relacionam com os Chads. As Beckis são objetos de desprezo e de ódio, pois seriam as responsáveis indiretas pela condição que eles padecem, uma vez que se interessam pelo pensamento, pela própria emancipação e dão pouca importância aos atrativos eróticos socialmente valorizados, ou seja, fazem parte da cultura moderna. Para piorar, são naturalmente morenas. Quanto a si, consideram que, caso alguma mulher se interesse por eles, será para humilhá-los e diminuí-los, e devido a uma grande conspiração, se uma delas estiver com eles, sempre os estarão a trair com algum outro. O que está em jogo nessa situação? Como a tecnologia impacta nessa configuração?

Quanto a si, consideram que, caso alguma mulher se interesse por eles, será para humilhá-los e diminuí-los, e devido a uma grande conspiração, se uma delas estiver com eles, O que está em jogo nessa situação? Como a tecnologia impacta nessa configuração?

O ambiente cibernético tem como condição a passagem do regime discursivo, mediado pela linguagem, ao mediatizado pelos dados, o que promove uma mutação tecnológica incidente sobre o pensamento, o corpo, a relação com o outro, pois a linguagem deixa de ser a mediadora do laço social. Esse meio, dito virtual, se configura em um novo *bios*, por meio da "clonagem proprioceptiva (sinestésica, óptica) de uma realidade física" (Sodré, 2008, p.119) em que a digitalização da informação e da comunicação, ou seja, a compactação em referências numéricas binárias, não dependem do tempo de leitura e nem dependem do efeito de posterioridade para atingirem um significado. Ou, um dos significados possíveis que fala e escrita podem contemplar. Alteram-se as coordenadas espaço-temporais da experiência e o pensamento muda de registro, deixa de ser reflexivo.

O que se pode constatar pela dimensão de memes que os homens e mulheres adquirem para os incels. *Chads, Stacys e Beckis* são tomados como ícones, já que as descrições que lhes correspondem têm a consistência imaginária próprias às caricaturas, pois seus elementos não mudam de significação a partir da experiência. O que se verifica também para os *incels*, quanto ao corpo próprio e suas potencialidades. Subjaz, nas queixas e autodepreciações, uma concepção igualmente estática sobre si mesmos. Desconsideram-se como objetos sexuais potencialmente atrativos, devido à própria aparência e à inadequação subjetivamente ressentida, mas, em nenhum momento aparece a possibilidade de se colocarem em posição ativa, com vistas à modificação desses fatores. Estão imobilizados pelas características das quais padecem. O campo da ação parece não lhes estar acessível.

Considerando a perspectiva relativa ao corpo, podemos reconhecer, junto com Le Breton, que, ainda que o espaço cibernético seja um desdobramento do mundo, trata-se de um mundo em que “o corpo se apaga, em que o outro existe na interface da comunicação, mas sem corpo, sem rosto, sem outro toque além do toque do teclado do computador, sem outro olhar além do olhar da tela” (Le Breton, 2013, p.146). Mas, justamente devido a essas condições, afirma o autor “a navegação na Internet, e os intercâmbios nos chats proporcionam aos internautas, contudo, ‘uma sensação perturbadora de presença’ (Dery, 1997, p.16, *apud* Le Breton, i. i. p.153) pois, “apesar da reduzida mobilidade do sujeito, ele conhece uma mobilidade sensorial que a sociedade não lhe prodigaliza com tanta largueza.” (i.i. p.143).

Podemos pensar que isso também se verifica no contexto dos fóruns de discussão dos quais os incels participam, ali não há propriamente nem discussão nem fala, o laço social mediado pela linguagem não opera, essas vozes não fazem laço. O corpo perde suas referências espaço-temporais. Nesse meio, as mensagens são ecos e não sofrem o trabalho de elaboração própria à polissemia das palavras, que implica a operação de negação, específico à identidade de pensamento, condição possível só ao processo secundário. Esse trabalho, que implica na construção da fantasia de desejo, que alimenta o sonho e a realidade psíquica em geral, só se faz na dependência da presença do outro.

Sabemos que, na história de cada um, estivemos na dependência do Outro significativo, capaz de prover a *ajuda estrangeira*³, - ao desamparado infans. Ajuda que provê a satisfações das necessidades e que erotiza as bordas do corpo, por meio das trocas simbólica que os cuidados parentais virão a prover. As bordas se reviram em zonas erógenas, que transmutam necessidades em prazeres e desejos. É dessa forma que um corpo se erotiza, sua palavra advém e os encontros e desencontros com o outro serão possíveis. Desde o início o outro está presente, assim como o desamparo. E assim permanecerão, sempre necessários.

³Conforme Freud a denomina no Projeto.

Pois, é dessa forma também que o outro ganha sua densidade e espessura, em especial, aquelas que o sustêm estrangeiro a nós, com algo de imponderável, que garante tanto sua impossível acessibilidade e transparência total, quanto garantem a nossa. Mediados pelas palavras, que encontram sua ressonância na linguagem compartilhada, encontramos e construímos a distância possível ao encontro com o outro e o tempo de espera necessário à manifestação de sua presença. As bordas erógenas irão requerer permanente reativação, o que se fará por meio da intervenção cotidiana da presença do outro, o semelhante, enquanto aquele cujo olhar e escuta, silêncio e fala, compartilha conosco a experiência de renovação dessas trocas e de ativação dessas bordas que enlaçam.

No contexto da realidade virtual, a história pessoal sofrerá uma transformação à medida que o indivíduo está em interface com essa outra realidade e se alteram as condições de possibilidade de encontro com o outro. O indivíduo se torna comutável e, como descreve Sodré, “do ponto de vista existencial, ser ‘comutável’ significa ser primeiramente capaz de conectar-se produtivamente (em todos os níveis das relações de trabalho), e depois, ser-para-o-consumo, isto é, ser colecionador de sensações. Isto implica um constante impulso de movimentação (ainda que apenas mentalmente) em busca de diversão e novidades. Na rede cibernética, a euforia de movimentação digital, do “acesso” aparentemente ilimitado a fontes de dados, implica o “enredamento” mental e emocional que esconde a real imobilidade corpórea.” (Sodré, i.i., p. 162). A interface com a rede se torna uma prótese que o define e lhe dá consistência. O outro se torna dispensável. As bordas erógenas se ativam nesse novo espaço.

Porém, se no mundo virtual, devido a compactação midiática, a velocidade torna a temporalidade instantânea e faz par com a sensação de quase ubiquidade que o indivíduo virá a experimentar, o corpo ficará sem o peso das constrições próprias ao espaço material. A dissolução da identidade pessoal, potencializada pela experiência de se apresentar a partir de identidades forjadas, que ultrapassem os limites sofridos na ‘vida real’, será uma possibilidade dessas circunstâncias.

A aparente ubiquidade espacial e a instantaneidade temporal sugerem um alcance – de informações, de acessos etc. – que entusiasma, mas cuja efetividade na realidade material histórica é nula. Dificilmente aquela largueza anteriormente referida é alcançável fora do virtual pois, para uma grande maioria, os recursos de que dispõem os coloca quase imobilizados em um sistema de distribuição de lugares e privilégios em uma sociedade desigual.

E, se no mundo virtual suas ações têm eficácia sobre as constrições históricas da própria identidade, na realidade compartilhada aqueles limites voltam a ter validade. Às vezes, abruptamente, efeito que tem sido explorado com êxito em muitas comédias, quando o encontro com o corpo e pessoa “real” faz desmoronar, em ridículo, o corpo e pessoa anunciada no espaço virtual. A extensão desse desmoronamento e o

efeito da humilhação que tal ridículo tem sobre os envolvidos não costuma merecer muita consideração. Salvo quando suas ações chamam a atenção devido ao a mais de violência que evidenciam.

Ao se depararem com a própria falta de jeito de corpo, quando os anseios não se vetorizam em ação em direção ao objeto, se veem no limbo da dissolução da identidade real, que se presentifica na realidade material histórica, em confronto com a condição virtual perdida.

O desamparo que experimentam se apresenta como vulnerabilidade e os ameaça. As ações se atualizam, sem mediação, em crueldade, orientada para o outro e para consigo mesmo. Embaraçado por uma peculiar angústia, uma angústia talvez despedaçante, o indivíduo *age*, e dá àque-la angústia um destino mediante o exercício do poder conferido pelos referentes sociais valorizados. O outro vulnerável é o alvo e o risco da própria vulnerabilidade é vencido por meio da aniquilação desse outro. Frequentemente mediante o acoplamento a esse corpo de uma prótese aceita no âmbito da realidade material histórica, tais como facas, armas de fogo e outras. No caso de Minassian, o automóvel faz a vez de uma prótese para o corpo desvalido.

Historicamente o automóvel foi o representante maior da face industrial do capitalismo, sua não posse diferenciando os pedestres como fracassados e inferiores, tendo sido o símbolo do êxito pessoal e social por muito tempo. O que não mais se verifica da mesma forma atualmente, o que talvez seja um indício de que a configuração incels esteja um pouco defasada no tempo e no espaço. Tanto quanto a expressão “o ideal e magnífico cavalheiro” que designa Elliot Rodger para os que o reverenciam como patrono. Seria o indício de uma mutação que não vingou?

A presença forte nas redes e as ações políticas violentas, realizadas pelos novos grupos autodesignados “Tribalistas Masculinos”⁴ parecem indicar que uma nova mutação está se configurando, em que as armas e os atos se dirigem diretamente contra instituições e posições políticas específicas, não aleatórias. Torceremos para que não vingue!

4 Ações midiaticamente difundidas em tempo real, como a invasão do Capitólio em 06/01/21,

Referências Bibliográficas

- Bezerra Jr, Benilton. "Projeto para uma Psicologia Científica – Freud e as Neurociências". 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (Coleção Para Ler Freud, coordenação de Nina Saroldi).
- Chauí, Marilena. "A violência neoliberal", in "Sobre a Violência"; organizadoras Ericka Marie Itokazu, Luciana Chauí-Berlink. – 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Escritos de Marilena Chauí, vol.5)
- Fédida, Pierre. "Nome, Figura e Memória: a linguagem na situação psicanalítica". Tradução de Martha Gambini e Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1991.
- Freud, S. "Obras Incompletas de Sigmund Freud – Cultura, Sociedade e Religião: O Mal-estar na Cultura e outros escritos". Tradução Maria Rita Salzano Moraes; Revisão Pedro Heliodoro Tavares; Prefácio Gilson Iannini, Jésus Santiago; Posfácio Vladimir Safatle. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, s/d.
- Le Breton, David. "Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade". Tradução Marina Appenzeller. 6ª ed. Campinas, S.P.: Papirus, 2013.
- Teixeira, Antônio; Ferrari, Ilka; Calmon, Analícea. "Semiologia da Temporalidade e da Espacialidade" in "Psicopatologia Lacaniana 1: semiologia". Antônio Teixeira e Heloisa Caldas (orgs.). 1ª ed. 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- Sodré, Muniz. "Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede". 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- Site: BBC News Brasil, 27/04/2018 "Quem são os 'incels' – celibatários involuntários, - grupo do qual fazia parte o atropelador de Toronto. Visto em Facebook, na data.